

# MARIA GRAHAM E A DOCUMENTAÇÃO DO FEMININO NO BRASIL NA PRIMEIRA METADE DO OITOCENTOS

## MARIA GRAHAM AND THE DOCUMENTATION OF THE FEMININE IN BRAZIL IN THE FIRST HALF OF THE 19<sup>TH</sup> CENTURY


*Márcia Cristina de Oliveira Santos MATHEUS<sup>1</sup>*

**Resumo:** Na primeira metade do século XIX, excetuando-se as correspondências privadas e públicas, são relativamente poucos os documentos produzidos por mulheres que nos servem hoje como registros historiográficos. Tais aspectos tornam valioso o diário de viagem escrito por Maria Graham, mais particularmente, por este ser um texto de autoria feminina em que figuram outras mulheres. Com base nesta peculiaridade, esta pesquisa recorta, para fins de análise, passagens textuais, trechos em que Graham constrói discursivamente o seu próprio gênero. Nela, interessam, mais especificamente, as situações em que ocorre a “dupla documentação”, isto é, excertos nos quais a narrativa de si mesma é contrastada com a narrativa do outro no Brasil, a partir de uma perspectiva dicotômica entre o “certo” e o “desviante”.

**Palavras-chave:** relatos de viagem; Maria Graham; Análise do Discurso Crítica.

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada da UFRJ. Desde 2004, integro o Quadro do Magistério Superior Federal, como Professora Adjunta de Língua Inglesa no Departamento de Ciências Sociais da Escola Naval. E-mail: marciacris.santos82@yahoo.com.br.



**Abstract:** In the first half of the 19<sup>th</sup> century in Brazil, most travel accounts were written by men who scarcely referred to women. In fact, except for private and public letters, historiography relies on relatively few documents produced by women. Those aspects underscore the value of Maria Graham's travelogue since it is a document written by a woman that alludes to other women. Due to such peculiarity, this research analyzes excerpts in which Graham discursively builds her gender, especially those that exemplify "double documentation." In other words, the focus is on extracts in which her narrative of herself is contrasted with her narrative of other women in Brazil, i.e., passages in which she shows a dichotomous perspective between the "self" and the "other," the "norm" and the "deviation."

**Keywords:** travel writing; Maria Graham; CriticalDiscourseAnalysis.

## Introdução

Numerosos comerciantes, artistas, naturalistas e diplomatas que estiveram no Brasil entre os séculos XVI e XIX transformaram suas experiências em textos. Tais escritos foram tomados como fontes no processo de construção de nossa História Social, já que, com exceção de uma gráfica aberta no Rio de Janeiro em 1747, não havia imprensa no Brasil até a chegada de Dom João VI em 1808 (FAUSTO, 2010: 112) e, por conseguinte, não restaram fontes disponíveis sobre o Brasil até tal ano, a não ser as escritas por estrangeiros.

O sociólogo, antropólogo e historiador Gilberto Freyre, por exemplo, se apoia largamente em relatos de viagem para compor as páginas daquele livro que é tido como o "marco inaugural nas análises da cultura brasileira" (SOUZA, 2011: 20), *Casa Grande & Senzala*, de 1933.

O historiador recorre a uma grande quantidade de relatos escritos por viajantes das mais diversas origens. Decidi iniciar o delineamento de meu *corpus* pela seleção de um idioma cujo conhecimento me possibilitasse acesso às fontes na língua em que os relatos foram originalmente escritos. Escolhi, então, o *travelogue* inglês de Maria Graham.

A maneira como as mulheres foram discursivamente construídas pelos viajantes nas passagens citadas me inquietou. Optei por analisar o livro de Maria Graham porque este fornecia uma boa amostra do que eu desejava estudar: havia no relato uma profusão de exemplos de construções discursivas do feminino.



Outra razão pela qual escolhi trabalhar seu relato de viagem foi o fato de este ter a peculiaridade de ser um texto de autoria feminina em que figuram outras mulheres, duas características pouco comuns nas fontes documentais do início do século XIX sobre o Brasil, conforme esclareço em seguida.

## Mulheres na historiografia: Maria Graham e a dupla documentação

Até poucas décadas, mulheres não constituíam objeto de interesse da história e foram, portanto, silenciadas em grande parte das fontes. Ainda mais raros eram os documentos históricos produzidos por mulheres, conforme nos informa (SOIHET, 1997: 295). Quanto a isso, Mary Del Priore afirma que as fontes documentais mais comumente disponíveis sobre as mulheres entre os séculos XVI e XIX eram “processos da Inquisição, processos-crime, leis, livros de medicina, crônicas de viagem, atas de batismo e casamento” (DEL PRIORE, 2012: 7-8). Segundo a autora, a produção de fontes históricas por e sobre mulheres só começa a ocorrer de maneira mais profícua no século XX.

Até o século XIX, então, as fontes eram, mormente, livros religiosos e documentos oficiais que visavam a controlar, a punir e a vigiar as mulheres, ou seja, eram textos de autoria masculina que refletiam os espaços públicos disponíveis para a maioria das mulheres de então, a igreja e o tribunal, espaços estes que reproduziam os papéis sociais destinados à mulher da época: o de pura ou o de transgressora. Se fosse pura, era representada em atas de batismo e casamento; se fosse transgressora, constava em processos-crime e, até mesmo, em processos da Inquisição.

Dentre as fontes enumeradas por Del Priore, as crônicas de viagem parecem ser os documentos nos quais a mulher é retratada em esferas que escapam à dicotomia pura/ transgressora e aqueles em que, por conseguinte, outros aspectos da condição feminina podem ser observados. Leite (1997) atribui as frequentes referências a figuras femininas nos livros de viagem ao caráter intermediário desses textos. Ainda que não fossem considerados meros diários íntimos, eles tampouco eram tidos como relatórios oficiais, o que forçosamente limitaria seu espectro de temas a questões de ordem pública, religiosa, judicial ou política. (LEITE, 1997: 27). Assim, *Journal of a Voyage to Brazil* (GRAHAM, 1824) torna-se precioso para as finalidades deste texto, não somente por ter sido escrito por uma mulher, mas também por consubstanciar um discurso feminino sobre outras mulheres no Brasil no início do século XIX.



● ● ●

Maria Graham escreveu em um tempo em que a mulher não era considerada sujeito da história. No século XIX, dominavam o cenário historiográfico relatos de guerras, diplomacia e política, esferas em que mulheres dificilmente transitavam. Conseqüentemente, as fontes documentais do período praticamente não relatam a presença da figura feminina (SOIHET, 1997: 276). Por esse motivo, recorro para fins de análise, as passagens textuais em que Graham constrói discursivamente seu próprio gênero. Interessam-me, mais especificamente, as situações em que ocorre o que Miriam Lifchitz Moreira Leite (1997) denomina “dupla documentação”. Leite (1997) adverte que, dado o número reduzido de obras e autoras na primeira metade do século XIX, não se pode afirmar que as mulheres-viajantes estavam mais capacitadas do que os homens para compreender e relatar as condições de vida das mulheres no Brasil. No entanto, a autora sugere que as viajantes colaboram na construção da história da mulher ao prestarem testemunhos duplos, o que ela denomina “dupla documentação”. Observemos a esclarecedora citação a seguir:

[n]o caso *dos* viajantes, as observações que fazem sobre as mulheres encontradas no Brasil *pressupõem* uma comparação com a situação a que estavam habituados no país de origem. No caso *das* viajantes, existem *observações explícitas* sobre sua condição, estado e dificuldades como mulher, esposa, profissional e viajante, ao lado do testemunho a respeito das mulheres que encontram no Brasil ou a respeito de quem conversam com representantes de seu país de origem (LEITE, 1997: 28-29).

Ao descreverem as dificuldades atreladas ao seu gênero, as viajantes produzem uma dupla documentação do feminino: a narrativa de si mesmas, contrastada com narrativa da alteridade no Brasil, a partir de uma perspectiva dicotômica entre o “eu” e o “outro”, o “original” e o “desconhecido”, o “certo” e o “desviante”.

Leite (1997) assinala ser essa uma prática discursiva comumente encontrada nos livros de viagem em geral. A autora afirma que, ao estudarmos textos de viajantes sobre o Brasil, podemos observar a relação de assimetria que se institui entre os que narram e os que são narrados, entre o colonizador e o colonizado, entre o padrão e o que se quer padronizar, conforme explica a seguir:

[o olhar estrangeiro] traz a postura do civilizado diante do povo atrasado, reforçado por uma série de obstáculos linguísticos, culturais e econômicos à compreensão do grupo visitado. Mesmo quando o viajante não pertence à nobreza ou à alta burguesia, identifica-se com a civilização europeia e seus padrões de avaliação dos homens, de acordo com o êxito ou o fracasso (LEITE, 1997: 10).

Contudo, quanto à tendência a se tomar a cultura de origem como o determinante exclusivo das descrições apresentadas nos relatos de viagem, Lisboa (1997) adverte:

[a]o mesmo tempo em que o viajante fala do lugar visitado, reelabora o seu próprio lugar de origem, permanecendo em constante diálogo com as suas referências, que podem ser revistas, negadas ou reiteradas. A narrativa sobre o ‘outro’ também é, afinal, a narrativa sobre ‘si mesmo’ (LISBOA, 1997: 47).

Assim, há de se considerar que tais escritos são matizados também pela experiência da própria viagem e do que é produzido no que Pratt (1999) denomina “zona de contato”.

Em *Os Olhos do Império: relatos de viagens e transculturação*, Pratt analisa relatos de viagens de maneira interdisciplinar, enfocando aspectos históricos, linguísticos, antropológicos e socioeconômicos. A autora defende que as crônicas de viagem devem ter sua análise situada na “zona de contato”, isto é, em

um domínio discursivo onde culturas dispares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, frequentemente em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação – como o colonialismo, o escravagismo, ou seus sucedâneos ora praticados em todo o mundo (PRATT, 1999: 27).

São muitas as instâncias de dupla documentação feminina na zona de contato em *Journey of a Voyage to Brazil*, conforme apresento a seguir. Importa ressaltar que me concentro na dupla documentação e no entendimento historiográfico que podemos ter na contemporaneidade – através de um relato de viagem de autoria feminina – de como eram exercidos os papéis sociais femininos no Brasil dos anos da Independência.

Dessa forma, procuro responder às seguintes questões: que práticas ideológicas engendram as construções discursivas das mulheres no relato de Maria Graham? O que a inglesa diz sobre suas vidas, hábitos, costumes, crenças, atributos físicos e vestimentas? Quais os efeitos sociais de tais representações? Que tipo de dupla documentação a viajante estabelece sobre ela e as mulheres descritas na zona de contato? Em que medida essa dupla documentação transforma-se em um discurso “sobre si”?

Procurei atentar para estas indagações estudando o relato de Graham enquanto prática social específica (discursiva) e não como um mero instrumento de transmissão de conhecimento. A partir do entendimento de que não existem enunciados destituídos de ideologia ou não-situados em termos axiológicos, analisei o diário no âmbito da Linguística Aplicada Crítica, abordando-o de maneira interdisciplinar instrumentalizada pelas ferramentas disponíveis no arcabouço teórico-metodológico da Análise do Discurso Crítica, doravante ADC,

particularmente em Fairclough (2001, 2003). Conduzi uma análise de itens lexicais, gramaticais, coesivos e intertextuais de cada trecho selecionado do relato, bem como dos efeitos semânticos e pragmáticos suscitados por tais escolhas, e me esforcei para, sempre que possível, associá-los às práticas sociais de sua autora.

Por fim, faz-se necessário explicar a maneira como trabalhei com as duas versões do relato por mim utilizadas, respectivamente a do original em inglês e a traduzida para o português. A leitura e análise da obra foram feitas a partir do original em inglês, publicado em 1824 e disponibilizado no portal *GoogleLivros* em domínio público. Julguei fundamental trabalhar com o relato em inglês para que minha análise não fosse mediada pelas interferências lexicais, sintáticas e semânticas resultantes do processo tradutório. No entanto, a fim de auxiliar o leitor pouco familiarizado com a língua inglesa, disponibilizei em notas de rodapé a versão em português dos trechos analisados. As traduções desses trechos foram retiradas da edição já consagrada e amplamente difundida publicada pela editora da Universidade de São Paulo<sup>2</sup> (GRAHAM, 1990).

Com minha pesquisa pretendo contribuir para o estreitamento da lacuna citada por Santos (2010) e Brito (2011) em relação a pesquisas que dispensem à literatura de viagem um tratamento linguístico e interdisciplinar específico. Existem no Brasil diversos livros, artigos, teses e dissertações que fazem referência a Maria Graham e seus escritos. Dentre estes, além de Leite (1982), (1984), (1997), (2000) e Martins (2001) destaco Sussekind (1990), Lima (2000), Galvão (2001) e Cerdam (2003). No entanto, nenhuma das análises mencionadas faz uso de ferramentas linguísticas para o estudo das fontes. Tal lacuna torna evidente a necessidade da pesquisa dos relatos de viajantes com base em abordagens linguísticas e interdisciplinares, com as quais o campo, já muito estudado e em alguns aspectos aparentemente esgotado, ganha novas perspectivas de interpretação.

Penso que a revisitação de *Journal of a Voyage to Brazil* com base em abordagens linguísticas e historiográficas contemporâneas permite novas hipóteses interpretativas sobre o passado, neste caso, a saber, sobre as formas como uma viajante inglesa construiu narrativas sobre si e sobre as mulheres que encontrou no Brasil nos anos de 1821, 1822 e 1823<sup>3</sup>.

---

2 Essa tradução para o português foi publicada pela primeira vez, em 1956, na *Série Brasileira*, e encontra-se hoje disponível digitalmente em: <http://www.brasiliana.com.br/obras/diario-de-uma-viagem-ao-brasil-e-de-uma-estada-nesse-pais-durante-parte-dos-anos-de-1821-1822-e-1823>, acesso em 15 de junho de 2014.

3 Esses foram anos de grande turbulência político-econômica. A transferência da corte portuguesa para o Brasil, em 1808, assim como as estreitas relações mantidas com a Inglaterra, desencadeou uma série de crises tanto em Portugal quanto na ex-colônia. Tais crises, que culminaram com a oficialização da emancipação brasileira em 1822, orbitavam questões relacionadas à soberania e ao monopólio comercial e sinalizavam, conforme afirma Mattoso (1994: 291), que “os interesses portugueses não coincidiam já com os do Brasil”.



A parca abertura do país a viajantes, entretanto, teve fim com a vinda da família real portuguesa para o Brasil. A transferência da corte, somada à abertura dos portos, fez com que o número de viajantes que realizaram incursões por nosso país aumentasse consideravelmente, especialmente entre os anos 1810 e 1820 (LAGO, 2011)<sup>4</sup>.

Em março de 1816, como consequência dos anseios de D. João de “ilustrar” o Brasil, desembarcou aqui a missão artística francesa, trazendo consigo Debret, Lebreton, Taunay, dentre outros. Em 1817, em comitiva que acompanhava a princesa Leopoldina da Áustria, chegaram Spix, Martius e Thomas Ender (FAUSTO, 2010: 127). Em 1821, aportou no Brasil a fragata inglesa Dóris, trazendo o comandante Thomas Graham e sua esposa, Maria Graham. Financiadas, em sua maioria, por governos ou por mecenas, tais expedições deram origem a textos que ganharam espaço no mercado editorial europeu dos séculos XVIII e XIX, textos que constituem o que hoje denominamos “literatura de viagem”. É interessante lembrar que, quanto ao continente americano, esse gênero surge com os textos dos primeiros cronistas, como Colombo e Caminha (*idem, ibidem*: 34).

Quanto aos usos deste gênero textual, a autora comenta que, nos séculos XVIII e XIX, a literatura de viagem servia a diversos propósitos, desde documentar acontecimentos e descrever povos, plantas e animais do Novo Mundo, a prover de instrução e entretenimento as classes letradas europeias (*id., ibid.*, p. 38).

Vejamos, agora, a utilização de relatos de viagem como fontes documentais e, mais recentemente, como objeto de interesse da linguística. Sendo os relatos fontes documentais, ao estudá-los, surgem questões comumente enfrentadas por historiadores quanto às suas limitações. Uma dessas questões, por exemplo, é a dificuldade em delinear a fronteira entre o “real” e o “ficcional”. Este é um impasse cuja discussão está intimamente relacionada a posicionamentos epistemológicos anteriores e posteriores à chamada crise dos paradigmas. É inescapável que minha leitura de *Journal of a Voyage to Brazil* seja atravessada por minha contemporaneidade e mediada por meus valores. Além de atentar para tais limitações, debruço-me sobre o texto de Maria Graham consciente de que este é uma fonte que apresenta problemáticas historiográficas específicas decorrentes da natureza dos relatos de viagem, conforme enumero em seguida.

Desde sua gênese, a literatura de viagem situou-se no território da tênue demarcação entre o real e o ficcional. No entanto, ainda que detentor de traços

---

4 Não há numeração de páginas no artigo. Disponível em: <http://revistapiaui.estadao.com.br/blogs/questoes-manuscritas/geral/o-miseravel-rio-de-janeiro-de-maria-graham>. Acesso em 04 de junho de 2014.



fortemente subjetivos, o relato de viagem muitas vezes se apresenta como um “discurso de verdade”. No diário de Maria Graham sobre Brasil, por exemplo, lemos a introdução: “What I have ventured to write is, I trust, correct as to facts and dates; it is merely intended as an introduction, without which, the journal of what passed while I was in Brazil would be scarcely intelligible”<sup>5</sup> (GRAHAM, 1824: 76). Em outras palavras, a autora se propõe a fornecer datas e acontecimentos verídicos. Entretanto, é pertinente questionar: em que medida um diário ou um relato autobiográfico pode ser considerado um documento historiográfico? Podemos aceitar sem reservas um diário ou uma autobiografia como documento da história? Até que ponto a narrativa dos “fatos” é permeada por traços ficcionais? Vejamos, então, dois exemplos recentes de estudos sobre relatos de viagem.

Miriam Lifchitz Moreira Leite afirmou ter conduzido sua pesquisa historiográfica sobre a literatura de viagem no Brasil a partir de uma perspectiva que analisa os relatos como *corpora* bastante específicos. Segundo a autora, os estrangeiros que os redigiram estiveram em melhores condições de observar elementos da vida cotidiana por não terem pertencido à cultura autóctone. Segundo esta premissa, os eventos que o habitante oriundo da localidade narrada tomava como naturais e corriqueiros transformaram-se em objetos dignos de estudo e sistematização quando submetidos ao escrutínio de viajantes. Por não estarem “presos por hábitos e afetos, nem precedentes ao grupo com que entravam em contato”, os estrangeiros teriam tido a vantagem de conseguir notar situações que passariam despercebidas às pessoas locais (LEITE, 1997: 165).

Esse posicionamento nos remete ao que Bakhtin denomina “excedente de visão”. Encontramos em Bakhtin (2011: 22-3) a ideia de que a criação verbal é um tipo de relação humana em que uma das pessoas contempla e dota a outra de sentido externamente. O outro é, então, constitutivo do ser e fundamentalmente assimétrico a ele, como podemos ler nos dois trechos a seguir, nos quais Bakhtin e Cristóvão Tezza explicam a noção de “excedente de visão” (BAKHTIN, 2011: 23; TEZZA, 2001: 239).

É o excedente de visão proporcionado pela exotopia que possibilita o “acabamento” e coloca o outro em condição de superioridade em relação ao objeto por ele “acabado”. Dessa forma, o “acabamento” só pode emanar do exterior, inescapavelmente imbuído dos valores da alteridade e, no caso dos viajantes, dos valores de sua cultura e de sua noção de civilização. Neste sentido, Santos (2013: 185) faz a ressalva de que a maior capacidade de percepção da diferença sobre a

---

5 O que ousei escrever é, confio, correto quanto aos fatos e datas. Destina-se a ser mera introdução, sem a qual o diário daquilo por que passei durante a estada no Brasil seria dificilmente inteligível. (GRAHAM, 1990: 101)





qual nos fala Leite não equivale a uma maior compreensão do que é observado e descrito. É importante observar também que as profícuas análises de Leite são de cunho historiográfico e tangenciam mesmo questões discursivas, mas jamais avançam reflexões acerca da natureza linguística das construções de que trata.

Já a crítica literária Mary Louise Pratt analisa relatos de viagens de maneira interdisciplinar, procurando articular de forma mais incisiva o conjunto dos aspectos históricos, linguísticos, antropológicos e socioeconômicos de seus objetos de investigação. Pratt argumenta que as crônicas de viagem podem ser estudadas a partir de uma abordagem transcultural ao serem situadas no que ela denomina “zona de contato”. Por tangenciar questões eminentemente discursivas, Pratt estuda em seu texto a assimetria entre o narrador e o que é narrado nos relatos de viajantes. A partir de uma perspectiva política, a autora aborda as ideologias imperialistas, burguesas e eurocêntricas engendradas nos processos de produção, circulação e consumo de livros de viagem.

Outro aspecto considerado pela autora é o conceito de “anticonquista”, segundo o qual o navegador/conquistador na zona de contato dá lugar ao pesquisador/naturalista. Pratt vê nessa transição uma importante mudança de atitude do europeu com relação ao não-europeu: este último tipo veio para educar e não para pilhar. Pratt define “anticonquista” como um conjunto de “estratégias de representação por meio das quais os agentes burgueses europeus procuram assegurar sua inocência ao mesmo tempo em que asseguram a hegemonia europeia” (PRATT, 1999: 32). Para Pratt, o discurso da “anticonquista” é uma forma pela qual a violência simbólica e mitigada suplanta a violência física, e as narrativas assumem a forma de discursos de verdade que pretendem neutralidade.

Tal conceito se harmoniza com as reflexões de Foucault (2004) quanto ao domínio que os sistemas de poder exercem sobre as ordens do discurso<sup>6</sup>. Os sistemas de poder, especialmente aqueles velados nas práticas cotidianas, passam a ter primazia sobre o discurso, já que o poder somente seria tolerável enquanto mascarasse seus mecanismos de ação. Neste sentido, o conceito de anticonquista para análise de relatos de viagem se alinha com a perspectiva foucaultiana. Um viajante que se constrói discursivamente como alguém que veio para educar e não para explorar e escravizar escamoteia as fortes condições de assimetria instauradas extra-discursivamente entre ele e o objeto descrito e pode, assim, acentuar tal

---

6 Fairclough apropria-se do termo foucaultiano “ordens do discurso” para referir-se à “totalidade das práticas discursivas dentro de uma instituição ou sociedade, e o relacionamento entre elas” (FAIRCLOUGH, 2001: 67). Tal conceito foi apresentado por Foucault em 1970 na aula inaugural por ele pronunciada ao assumir uma cadeira no *Collège de France*.



assimetria, agora no discurso, de forma pouco perceptível, sob a égide do progresso e da civilização. Como resultado de tais práticas, podemos ter o desempoderamento dos povos descritos e a invalidação dos modos de vida autóctones.

Uma análise textualmente orientada pode, no entanto, lançar luz sobre estas relações de poder pouco transparentes. Assim como nos trabalhos de Leite, também não ocorre nas análises de Pratt um tratamento textual detalhado, ainda que a autora aborde os relatos como “discurso”. Entretanto, a necessidade de abordagens historiográficas que atentem para a linguagem não passa despercebida a diversos historiadores brasileiros.

Ao comentarem sobre historiadores que intentam realizar análises linguísticas de fontes documentais, Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas, por exemplo, discutem as dificuldades encontradas por aqueles que, ao se disporem a empreender análises textuais de fontes históricas, se deparam com pouco domínio de ferramentas linguísticas (CARDOSO; VAINFAS, 1997: 375-99). Por conseguinte, os dois historiadores apontam que a utilização das teorias linguísticas disponíveis com vistas à abordagem interdisciplinar de fontes textuais ainda é pouco explorada na historiografia; e que os trabalhos produzidos nessa área são, via de regra, realizados por outros que não os historiadores. Como contribuição nesse sentido, os autores apresentam sugestões metodológicas para o que chamam de “utilização transdisciplinar da linguística” – em especial da semântica e da semiótica – na análise de textos históricos.

No que respeita ao tratamento linguístico dos relatos de viagem como *corpora* de investigação historiográfica, alguns caminhos vêm sendo abertos recentemente.

## Relatos de viagem como objetos de análise discursiva

Como já mencionado, estudiosos de diversas áreas do saber têm reconhecido a relevância de métodos de análise linguística para pesquisas de cunho social e historiográfico. A ingenuidade de se tomar a linguagem por instrumento transparente e ler *corpora* textuais<sup>7</sup> sem atentar para o conteúdo linguístico em si e para a natureza constitutiva da linguagem já não é admissível. No entanto, conforme a abordagem que lhe é dispensada, um texto pode apresentar maior ou menor grau de heterogeneidade ou aparentar ser mais ou menos elucidativo

---

7 Utilizo “texto” para me referir a toda amostra escrita ou falada.



em termos historiográficos, por exemplo. Neste sentido, Montez (no prelo) sugere que um tratamento linguístico detido, neste caso municiado pela Análise do Discurso Crítica de Norman Fairclough, pode mostrar-se indispensável no estudo de documentos complexos como os diários de viagem. Para tanto, é necessário cautela para não se tomar o texto como um simples receptáculo de elementos extradiscursivos. Conforme já mencionado, é imprescindível compreendê-lo como prática social concreta atravessada por interesses de ordem política, econômica e ideológica.

Portanto, abordar o relato como discurso historiográfico com base em uma teoria que possa dar conta das vantagens e desvantagens historiográficas desse gênero textual, como a ADC, é uma escolha metodológica que traz novos aportes aos estudos sobre este gênero textual. Desta forma, tendo em vista que tanto a problemática da investigação historiográfica decorrente da natureza simultaneamente objetiva e subjetiva de um relato de viagem, quanto as questões identitárias imbricadas nas relações entre o europeu e o não-europeu demandam um instrumental linguístico específico para a análise deste tipo de texto, proponho, como próximo passo, expositivo apresentar o paradigma teórico-metodológico no qual embaso minha análise discursiva do relato de Maria Graham.

## A análise do discurso crítica

Aqui, exponho brevemente a forma como minha pesquisa se insere no campo linguístico-aplicado e apresento o marco teórico fundamental que norteia o presente trabalho: a Análise do Discurso Crítica. Numerosas pesquisas realizadas na área da linguística aplicada crítica (LAC)<sup>8</sup> têm se empenhado em dialogar com outros campos do saber, como, por exemplo, os estudos culturais, as ciências sociais, a história, a sociologia, a antropologia e os estudos de gênero num esforço para “criar inteligibilidade sobre problemas sociais em que a linguagem tem um papel central”(MOITA LOPES, 2006: 14). Esta vertente da LA entende o uso da linguagem como uma prática social dinâmica e atravessada por ideologias e relações de poder (RAJAGOPALAN, 2003). Além disso, os autores que afirmam inserir seus trabalhos nos domínios da LAC têm em comum o entendimento de que, para que os estudos linguísticos possam trazer algum agenciamento à dimensão da vida social, faz-se necessário estudar a linguagem em seu contexto

---

8 Concorrem com o termo Linguística Aplicada Crítica, Linguística Aplicada Transdisciplinar, Linguística Aplicada Indisciplinar, entre outros (MOITA LOPES, 2006). Optei por utilizar o primeiro apenas por praticidade. Para esclarecimento quanto às pormenoridades imbricadas em cada nomenclatura, ver Moita Lopes (2006).



de ação, ou seja, no discurso (MOITA LOPES, 2006). Assim, a partir da crença de que não existem enunciados politicamente neutros e de que uma abordagem linguisticamente orientada pode contribuir para novos caminhos interpretativos da literatura de viagem, tomo como marco teórico-metodológico básico para a investigação do diário de Maria Graham a Análise do Discurso Crítica (ADC).

O termo “Análise do Discurso Crítica” foi utilizado pela primeira vez pelo linguista inglês Norman Fairclough em artigo publicado no *Journal of Pragmatics*, em 1985 (RESENDE; RAMALHO, 2011, p. 20). A ADC entende a linguagem como um construto em contínua relação dialética com a vida social, segundo a qual o discurso<sup>9</sup> constitui e é constituído pela materialidade dos elementos sociais, ou seja, ele molda e é moldado por relações de poder e ideologias, as quais, na maioria das vezes, encontram-se opacas aos participantes do discurso (FAIRCLOUGH, 2001: 31). Esta perspectiva difere da concepção formalista da linguagem, segundo a qual esta é um ente autônomo cujas funções externas não afetam sua organização interna. Enquanto para os formalistas saussurianos a relação entre significante e significado é arbitrária, para a ADC tal relação é socialmente motivada (*idem, ibidem*: 103).

Com uma perspectiva transdisciplinar, a ADC operacionaliza conceitos de outros teóricos em prol de sua abordagem sociodiscursiva, nomeadamente a noção de discurso desenvolvida por Foucault em *Arqueologia do Saber* (2012) e em *A Ordem do Discurso* (2011) e o conceito de intertextualidade<sup>10</sup> presente nos escritos do Círculo de Bakhtin<sup>11</sup>. O modelo de análise discursiva de Fairclough combina uma “concepção foucaultiana de discurso com a ênfase bakhtiniana na intertextualidade” (FAIRCLOUGH, 2001: 131). Fairclough (*idem, ibidem*) afirma que, em *Arqueologia do Saber*, Foucault nos traz duas contribuições teóricas acerca da natureza do discurso que podem se mostrar valiosas para a análise do discurso textualmente orientada. A primeira delas é a natureza constitutiva do discurso. Para Foucault, o discurso atua na construção dos sujeitos sociais, das relações sociais e dos sistemas de conhecimento e crença. A segunda contribuição teórica de Foucault que Fairclough toma emprestada é a noção de interdiscursividade, isto

---

9 Fairclough utiliza “discurso” de uma maneira mais estreita do que a maioria dos cientistas sociais. Ele define o termo como o “uso da linguagem como forma de prática social”. (FAIRCLOUGH, 2001: 90).

10 Ao apresentar suas leituras das obras do Círculo de Bakhtin no final da década de 1960, Kristeva cunhou o termo “intertextualidade” para se referir ao que os autores do círculo denominavam “translinguística”. O vocábulo “intertextualidade” não aparece nas obras do Círculo (FAIRCLOUGH, 2001: 133).

11 Faraco aponta a dificuldade encontrada por estudiosos de Bakhtin quanto à questão da autoria de alguns dos textos do autor russo. Como Bakhtin, Voloshinov e Medvedev compartilhavam um conjunto significativo de ideias, e como houve textos publicados inicialmente sob a autoria de um deles e posteriormente sob o nome de outro, convencionou-se agrupar a produção intelectual desses estudiosos no chamado “Círculo de Bakhtin” (FARACO, 2009).



é, a ideia de que toda prática discursiva é moldada de acordo com sua relação com uma combinação de muitas outras práticas discursivas.

Tal conceito de intertextualidade já era defendido pelos intelectuais do Círculo de Bakhtin (FARACO, 2009: 65). Fairclough, então, retoma essa perspectiva bakhtiniana de linguagem, que tem como cerne a ideia que todos os textos são dialógicos, isto é, que qualquer coisa dita está de alguma maneira imbricada com muitas outras, formando assim um complexo encadeamento de vozes. Fairclough nos lembra que, para Bakhtin, todo enunciado, oral ou escrito, remete a enunciados anteriores e antecipa enunciados posteriores, constituindo um elo na cadeia enunciativa (FAIRCLOUGH, 2001).

Tendo mencionado que a ADC opera com um paradigma funcionalista segundo o qual a linguagem está em relação dialógica com o social, é relevante observar que os pesquisadores da área geralmente tomam como ponto de partida para suas investigações problemas sociais concretos. Segundo teorizações deste campo, a vida social é atravessada por relações de poder que favorecem alguns grupos hegemônicos em detrimento de minorias. Tais relações assimétricas de poder são organizadas na forma de ideologias e validadas por construções discursivas que promovem a naturalização de sentidos. Deste modo, muitos dos trabalhos desenvolvidos neste domínio se interessam por analisar relações de poder, controle e discriminação construídas no e pelo discurso.

A partir do entendimento de que discursos são formas de representação e significação da vida social, Fairclough declara que seu interesse em estudar tais formas é oriundo “da crença que textos possuem consequências e efeitos sociais, cognitivos, morais e materiais”<sup>12</sup>(*idem*, 2003: 23). De acordo com esta perspectiva, a análise textual pode, portanto, operar desconstruções ideológicas através da rearticulação das ordens do discurso, trazendo inteligibilidade às ideologias ali imbricadas, verificando se estas contribuem para a perpetuação de assimetrias de poder ou se colaboram para a contestação destas. Nesse sentido, a teoria se distancia também da sociolinguística, segundo a qual a linguagem é moldada por fatores sociais, porém não possui qualquer influência na construção, manutenção e transformação desses fatores. Uma das características inovadoras da ADC é precisamente a crença de que o discurso pode transformar a dimensão social (RESENDE; RAMALHO, 2011: 27). Vejamos mais detidamente, então, como a ADC entende os efeitos construtivos do discurso.

---

12 Todas as traduções de citações de Fairclough (2003) foram feitas por mim. No original: “the belief that texts have social, political, cognitive, moral and material consequences and effects” FAIRCLOUGH: 2003: 23).



Para melhor compreensão do papel do discurso na construção da estrutura social, Fairclough, baseado em conceitos desenvolvidos por Halliday na Linguística Sistêmico-Funcional, esquematizou os três principais aspectos dessa dinâmica. Em primeiro lugar, temos o efeito do discurso na construção das identidades sociais. Em segundo lugar, devemos considerar seu papel na construção das relações sociais entre as pessoas. Por fim, é importante notar sua relevância na constituição de valores, crenças e esquemas de conhecimento. Tais aspectos correspondem a três funções da linguagem – a identitária, a relacional e a ideacional, respectivamente<sup>13</sup> –, as quais apresentam-se geralmente opacas aos participantes do discurso (FAIRCLOUGH, 2001).

O autor, porém, faz uma ressalva quanto à ênfase unilateral de Foucault nas propriedades constitutivas do discurso. Enquanto, para o segundo, o sujeito social é totalmente constituído discursivamente, para o primeiro, tal constituição se dá apenas parcialmente, constrangida por uma realidade material. Distante de serem um jogo de ideias, tais construções emanam de estruturas sociais materiais e concretas. Isto significa dizer que as práticas sociais “são constrangidas pelo fato de que são inevitavelmente localizadas dentro de uma realidade material, constituída, com objetos e sujeitos sociais pré-constituídos” (*idem, ibidem*: 87).

Para o estudo desta relação de mão dupla entre discurso e estrutura social, Fairclough delineou a chamada “abordagem tridimensional do discurso”.

## A concepção tridimensional do discurso

Em *Discurso e Mudança Social* (2001), Fairclough delineia a teoria tridimensional do discurso. Segundo o teórico, todo evento discursivo é, simultaneamente, um exemplo de texto, de prática discursiva e de prática social, dimensões que a abordagem tridimensional busca analisar. Os três elementos da teoria se sobrepõem e sua separação tem apenas objetivos analíticos – sendo sua grande vantagem reunir sob a égide do termo discurso três distintas formas de análise: em termos do texto em si, em termos do texto com outros textos, em termos do texto com a materialidade extradiscursiva. Vejamos então em que consistem estas três dimensões analíticas.<sup>14</sup>

---

13 Fairclough menciona que Halliday utiliza o termo “função interpessoal” para referir-se às funções identitária e relacional. Além disso, ele aponta a “função textual”, descrita também por Halliday, como um conceito útil para a ADC. O autor define a função textual como a forma pela qual “as informações são trazidas ao primeiro plano ou relegadas a um plano secundário, tomadas como dadas ou apresentadas como novas.” (FAIRCLOUGH, 2001: 92)

14 Apresento as dimensões na ordem em que Fairclough sugere que a análise seja feita. Segundo o autor, esta sequência é útil “para ordenar o resultado do engajamento de alguém em uma amostra discursiva particular antes de apresentá-la na forma escrita ou falada” (FAIRCLOUGH, 2001: 282).



## A) Discurso como prática discursiva

Todo texto é uma prática discursiva e todas as práticas discursivas constituem um tipo de prática social. O que as caracteriza é o fato de se materializarem linguisticamente na forma de textos falados e escritos, produzidos de maneira interdependente. Entender que todo texto é uma prática discursiva significa admitir que um texto é uma combinação de outros e que essa relação o molda. Em outras palavras, um texto sempre recorre a outros, quer sejam contemporâneos quer historicamente anteriores, e os modifica, de maneira que todo enunciado rearticula ou realiza novamente outros enunciados. Fairclough usa o termo “intertextualidade”<sup>15</sup> para denominar estes microprocessos.

De maneira semelhante, existem certos esquemas de regras determinados sociohistoricamente, como tempo, lugar e localização institucional, que possibilitam a ocorrência de determinadas ordens do discurso e, por conseguinte, de certos tipos de textos, isto é, textos também são determinados pela articulação de elementos discursivos e extradiscursivos contemporâneos e historicamente anteriores. Fairclough utiliza a palavra “interdiscursividade”<sup>16</sup> para nomear estes macroprocessos.

Na dimensão da prática discursiva, portanto, são combinadas análises micro e macro através do estudo das condições de produção, circulação e interpretação (consumo) dos textos. Para Fairclough, “é a natureza da prática social que determina os macroprocessos da prática discursiva e são os microprocessos que moldam o texto” (*id.*, *ibid.*: 115). A isso, o linguista acrescenta: “os processos constitutivos do discurso devem ser vistos, portanto, em termos de uma dialética, na qual o impacto da prática discursiva depende de como ela interage com a realidade pré-constituída” (*id.*, *ibid.*: 87).

Dessa forma, a análise de práticas discursivas demanda o estudo dos processos de produção, circulação e interpretação textual, os quais ocorrem circunscritos a seus contextos políticos, econômicos e institucionais. Isto equivale a dizer que, além de ser inseparável do estudo do texto, a análise da prática discursiva também não pode ser dissociada da investigação da prática social. Faz-se necessário, portanto, contemplar a dimensão da intertextualidade e da interdiscursividade, conciliando a micro e a macroanálise. Enquanto, o estudo dos microprocessos requer uma observação detida da maneira como os participantes produzem e interpretam os textos baseados nos “recursos dos membros”, a análise dos macroprocessos

---

15 Ou “intertextualidade manifesta”.

16 Ou “intertextualidade constitutiva”.



demanda atenção ao caráter dos “recursos dos membros” e das ordens do discurso, os quais são determinados pela prática social. Neste sentido, a dimensão da prática discursiva concretiza-se na mediação entre o texto e a prática social e reitera a relevância da abordagem tridimensional.

Assim, prossigo com a apresentação da segunda dimensão analítica: o estudo do discurso enquanto texto.

## B) Discurso como texto

A rigor, não se pode dissociar a análise linguística de um texto de suas condições de produção e interpretação. No entanto, ainda que pouco nítida, tal separação pode ser útil para fins metodológicos. Na dimensão do discurso como texto, Fairclough coloca os mecanismos de análise formal da linguagem, bem como seus elementos de produção de sentido. Em outras palavras, neste âmbito situa-se o estudo dos signos<sup>17</sup>.

Ciente da complexidade técnica interposta por esta dimensão, especialmente para não-linguistas, o autor organiza didaticamente este estudo dos signos em quatro instâncias: vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual. Contudo, o linguista observa que o estudo puro dos signos não pode dar conta de todos os mecanismos de produção de sentido de um texto. Nas palavras de Fairclough,

[n]ão se pode nem reconstruir o processo de produção nem explicar o processo de interpretação simplesmente por referência aos textos: eles são respectivamente traços e pistas desses processos e não podem ser produzidos nem interpretados sem os recursos dos membros.<sup>18</sup> (*id., ibid.*: 100)

O linguista observa que uma maneira de contornar estas limitações é relacionar o texto com a complexa e vasta rede intertextual da qual ele faz parte, ou seja, investigá-lo no âmbito da dimensão da prática discursiva, que medeia o texto e a materialidade social.

Passo, então, para a apresentação da terceira dimensão analítica: o estudo do discurso como prática social.

---

<sup>17</sup> Em desacordo com Saussure e em conformidade com a tradição de abordagens críticas de análise do discurso, Fairclough entende que os signos não são arbitrários, mas socialmente motivados (*id., ibid.*:103).

<sup>18</sup> Outra forma de Fairclough aludir a “recursos sociais” (*id., ibid.*:99).





### C) Discurso como prática social

Nesta dimensão, Fairclough situa o estudo do discurso no âmbito das ideologias e das lutas de poder. O autor se vale da concepção althusseriana de que a ideologia se materializa nas práticas institucionais dos Aparelhos Ideológicos do Estado<sup>19</sup> e do conceito de hegemonia em Gramsci, segundo o qual uma determinada classe ocupa posição de dominação nos campos político, econômico, cultural e ideológico em uma sociedade. Quanto a estes aspectos, o linguista afirma que práticas discursivas podem naturalizar ideologias e tornar pouco nítidas fortes relações de poder, configurando-se em práticas sociais que privilegiam classes hegemônicas. Fairclough conceitua ideologias como

significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação (*id.*, *ibid.*:117).

Dessa forma, tendo como foco a construção discursiva da condição feminina e sua conseqüente dupla documentação por Maria Graham, realizo uma análise do livro de viagem *Journal of a Voyage to Brazil and Residence There* orientada pela abordagem tridimensional da linguagem. Começo analisando o relato enquanto prática discursiva, pensando seus contextos de produção, circulação e interpretação. Posteriormente, prossigo para a análise textual mais detida. Finalmente, estudo a prática social na qual o diário de Maria Graham se insere, considerando os seus aspectos ideológicos.

## *Análise de Journal of a Voyage to Brazil*

### **Análise do relato como prática discursiva**

Neste subitem, investigo o relato enquanto prática discursiva. Organizo a investigação em três seções, que correspondem aos processos de produção, distribuição e consumo/interpretação do relato, respectivamente denominadas “interdiscursividades”, “cadeias intertextuais” e “coerência”.

---

19 Segundo Fairclough, “Aparelhos Ideológicos do Estado” são “várias instituições e organizações, tais como a educação, a família ou o direito, que, na concepção de Althusser, funcionam como dimensões ideológicas do Estado.” (FAIRCLOUGH: 52).



## Interdiscursividade

Conforme já mencionado, algumas variáveis determinadas sociohistoricamente, como, por exemplo, tempo, lugar e localização institucional, moldam as ordens do discurso que engendram certos tipos de textos. Isto quer dizer que existem elementos extradiscursivos que influenciam diversos aspectos de um texto. Fairclough chamou esta relação entre recursos sociais (ou “recursos dos membros”), ordens do discurso e texto de “interdiscursividade”. Dessa forma, em seguida, empreendo uma análise dos recursos sociais e das ordens do discurso dentro dos quais o diário em questão foi escrito.

As dificuldades da vida marinheira, como piratas, as intempéries da natureza, a longa duração das jornadas, a condição insalubre dos navios e as doenças tropicais limitavam a presença feminina em viagens marítimas desta magnitude. Além disso, uma mulher que se aventurava em uma viagem de navio —cuja tripulação é quase em sua totalidade composta por homens — transgredia fortemente os padrões sociais de então (LEITE, 1980: 153). Viagens poderiam significar, para as mulheres da primeira metade do século XIX, uma ampliação do espaço social, especialmente se estas decidiam escrever e publicar suas experiências.

Em uma época em que o direito de empunhar a pena era outorgado majoritariamente a homens, a condição de exceção dos relatos produzidos por mulheres era acentuada pela circunstância de que poucas possuíam nível de instrução satisfatório, no Oitocentos, para produzir um relato de viagem. Ainda assim, as que escreviam reportavam sua sujeição a diversas limitações, como, por exemplo, serem impedidas de abordar determinados assuntos e a restrição formal de seus espaços de escrita. Se lhes recomendavam os diários e os romances epistolares, mesmo quando tais gêneros se mostrassem inadequados, como no caso da botânica e prima de Pedro I, Therese von Bayern. Quando esta quis publicar uma obra de cunho científico, foi aconselhada, ainda assim, a seguir o formato de diário pessoal (LEITE, 1988: 151).

O número de mulheres viajantes que publicaram suas experiências no século XIX era substancialmente menor do que o de homens. Dentre os 150 viajantes no Brasil levantados na pesquisa documental realizada por Leite em 1980, apenas 17 são mulheres, cujos escritos, em sua maioria, resumem-se a cartas e diários sem pretensões de publicação (LEITE, 1980: 143-4). Os aspectos aqui mencionados ilustram bem os recursos sociais e os tipos de ordem do discurso a que estavam sujeitos os livros de viagem produzidos por essas viajantes-escritoras.



São cinco as mulheres que passaram por aqui entre 1800 e 1850 e que publicaram textos sobre suas experiências: Rose de Freycinet (1817-1820), Maria Graham (1821-1824), LangletDufresnoy (1837-1839), Baronesa de Langsdorff (1842-1843) e Ida Pfeiffer (1846) (LEITE, 1997: 31). Dentre elas, a inglesa Maria Graham tornou-se a mais célebre mulher-viajante a estar no Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX. Vejamos agora, especificamente, detalhes biográficos da autora do diário de viagem em questão.

Nascida em 1785, filha de um oficial da marinha britânica, Maria Dundas foi separada da mãe ainda pequena por razões que Akel (2009) afirma não terem sido esclarecidas pela historiografia. Foi educada em um internato e teve pouco contato com o pai, George Dundas, na infância e juventude. Em 1808, embarcou para Índia na companhia de seu pai e, a bordo do navio, conheceu o tenente Thomas Graham, com quem se casou no final de 1809. Ao retornar para a Inglaterra, a agora Sra. Graham publicou dois livros sobre sua experiência na Índia: *Journal of a Residence in India*, em 1812, e *Letters on India*, em 1814. Surgiu, então, a escritora de livros de viagem. Akel (2009) menciona que os relatos sobre a Índia tiveram sucesso na Europa logo quando foram publicados, com quatrocentas cópias vendidas em menos de um mês na Inglaterra e na Escócia.

Em 1819, Maria visitou a Itália com o marido e publicou, em 1820, outro relato de viagem intitulado *Three Months Passed in the Mountains East of Rome*. Em 31 de julho de 1821, a inglesa embarcou para a América do Sul com o já Comandante Graham, a bordo da fragata *HMS Doris*. Em uma viagem tinha por objetivo defender os interesses ingleses no contexto político-econômico da América do Sul. Sobre a missão dos tripulantes da fragata *Doris*, Akel comenta: “Captain Thomas Graham was in charge of *HMS Doris*, a frigate destined to protect British interests in South America” (*id.*, *ibid.*: 82).<sup>20</sup>

Depois de sua estada no Brasil, o casal zarpu para o Chile. Antes de aportar em Valparaíso, Thomas Graham faleceu. No Chile, Maria Graham recusou ofertas de retorno à Europa e permaneceu no país por quase um ano, onde estreitou relações com o almirante Cochrane e circulou livremente entre governantes, militares de alta patente e membros da alta sociedade em geral (*id.*, *ibid.*: XIII).

Em 1823, Maria Graham retornou ao Brasil e aqui permaneceu por alguns meses por razões que nem seus diários nem seus biógrafos lograram apontar. Chegando ao Rio de Janeiro, recebeu o convite de Pedro I para ser

---

20 Tradução livre: “O Capitão Thomas Graham estava no comando da *HMS Doris*, uma fragata destinada a proteger os interesses britânicos na América do Sul”.



preceptora da princesa Maria da Glória. Aceitou o posto, porém solicitou ao imperador licença para ir à Inglaterra publicar três livros, um sobre o Brasil, dividido em duas partes e que constitui o objeto de estudo desta pesquisa, e dois sobre o Chile. Em seguida, a inglesa regressou ao Brasil, onde permaneceu até 1827 (*id.*, *ibid.*: XIII)<sup>21</sup>.

Em 1827, aos 48 anos, casou-se com o pintor Augustus Wall Callcott, que se tornou *Lord* ao ser ordenado cavaleiro dez anos depois. Em 1842, aos 57 anos, Maria faleceu como com sérios problemas de saúde. (*id.*, *ibid.*:XIV).

Sua trajetória de vida ímpar para uma mulher de seus dias – com oportunidades de viajar em uma época em que viagens não eram tão comuns e com acesso à educação em um tempo em que muitas mulheres eram analfabetas – dota seu relato de singularidades. Maria Graham era tão instruída que tomava parte até mesmo na decisão dos conteúdos a serem ensinados aos aspirantes. Observamos na passagem seguinte que, ao valer-se do pronome *we*, a viajante se coloca como sujeito das ações, inserindo-se no grupo que lidera a instrução dos jovens rapazes (GRAHAM, 1824: 91). Membro da alta burguesia inglesa, no Brasil, a viajante frequentava a alta sociedade em geral. Era convidada para o teatro, assim como para bailes de gala e banquetes. A partir desse *locus* sociocultural hegemônico, ela constrói sua narrativa de dois tomos.

O livro sobre o Brasil constitui-se de duas partes. O primeiro segmento pretende dar conta dos anos 1821 e 1822. Nele, a narrativa começa ainda na Inglaterra e tem fim com sua chegada ao porto de Valparaíso, já com seu esposo morto a bordo. O segundo relato tem início com um apanhado dos acontecimentos políticos do ano em que a escritora esteve ausente do Brasil e termina com seu retorno temporário à Inglaterra, antes de regressar ao Rio de Janeiro para assumir o posto de preceptora da princesa Maria da Glória. Nestas páginas de introdução ao contexto histórico brasileiro, a viajante revela uma informação importante para fins de análise de sua prática discursiva – ela afirma ter escrito o relato com a intenção de publicá-lo<sup>22</sup>. Prossigo, em seguida, para o estudo de suas cadeias intertextuais de JVB.

---

21 Existe um manuscrito do relato sobre a terceira estada de Maria Graham no Brasil. Ainda inédito, o texto encontra-se na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. Nele, a viajante narra sua experiência como mentora da filha de Pedro I. (AKEL, 2009: 137).

22 “Ainda que a ideia de uma eventual publicação não tenha sido estranha à redação deste diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada de muitos meses naquele país, muitas circunstâncias imprevistas forçaram ainda a autora a revê-lo antes de ser entregue ao prelo, bem como a cancelar muitas páginas que fixavam acontecimentos públicos e privados.” (*id.*, *ibid.*: 19)



## Cadeias intertextuais

Cadeias intertextuais são “séries de tipos de textos que são transformacionalmente relacionadas umas às outras, no sentido de que cada membro das séries é transformado em outro ou mais, de forma regular e previsível” (FAIRCLOUGH, 2001: 166). Analisar as cadeias intertextuais nas quais um texto se insere equivale a estudar sua distribuição segundo uma perspectiva intertextual, isto é, estudar tanto os textos anteriores com os quais ele dialoga, reiterando-os, problematizando-os e refutando-os, assim como os discursos futuros que este antecipa e constitui. Enquanto Maria Graham afirma ter narrado os acontecimentos descritos no corpo do diário a partir do que foi testemunhado por ela própria, na introdução é possível recuperar alguns eventos discursivos anteriores a JVB na cadeia intertextual. Observemos mais detidamente, então, algumas das cadeias discursivas das quais o diário de Maria Graham faz parte.

No primeiro parágrafo da introdução ao diário, Graham afirma ter lido extensamente sobre a “História do Brasil”<sup>23</sup>. A viajante, porém, diz ter baseado seus escritos no livro de Robert Southey, *History of Brazil*, por considerar a narrativa deste *faithful, judicious* (GRAHAM, 1824: 1), *elaborate* e *excellent* (*idem, ibidem*: 33)<sup>24</sup>. É relevante que, apesar de alegar ter lido autores portugueses, a autora tenha escolhido conferir credibilidade a um compatriota. Ainda que admita que o texto de outros autores fizesse parte de seu repertório, ao transformar as leituras que fez sobre o Brasil em seu próprio texto, a autora só se refere nominalmente à obra de Southey, em um processo de apropriação estável e destituído de questionamentos e problematizações. Como estudiosos da linguagem, no entanto, sabemos que seu apanhado histórico também foi inescapavelmente moldado pelo discurso dos autores portugueses que ela diz conhecer.

Na realidade, é prática recorrente de Graham, ao longo de todo seu relato, citar textos oficiais relativos ao processo de independência do Brasil, como a carta assinada por José Bonifácio exigindo que o príncipe não retornasse a Portugal (p. 174-7), trechos de discursos comemorativos à decisão do príncipe por permanecer no Brasil (p. 178-80), bem como diversas proclamações de Pedro já como imperador do Brasil<sup>25</sup>.

---

23 É importante ressaltar que o conceito de história ainda estava sendo desenvolvido à época.

24 “fiel”, “criterioso”, “cuidadosa” e “excelente” (*id., ibid.*, p. 23, 57).

25 As citações de discursos do Imperador encontram-se na segunda parte do relato.



Quando Maria Graham, por vezes, deixa aflorar seu estado emocional, a autora frequentemente ilustra seus sentimentos com poemas, citações de peças shakespearianas e versículos bíblicos. Em sua passagem por Funchal, por exemplo, a viajante se recorda da primeira vez que esteve ali e cita Samuel Rogers (*id.*, *ibid.*: 78). Para em seguida recitar Milton contemplando a calmaria dos mares tropicais (*id.*, *ibid.*: 124).

O caráter diverso das séries que manifestamente compõem a cadeia intertextual de JVB denuncia a natureza híbrida do relato de viagem e consubstancia as convenções, ou as ordens do discurso, que regiam este gênero textual. Ainda que a autora tenha assumidamente se proposto a escrever sobre acontecimentos de ordem política, econômica e cultural a fim de produzir uma fonte para a história, o produto é um texto ambivalente, heterogêneo e contraditório, o que se diga não revoga seu valor histórico.

Relatei brevemente alguns dos eventos discursivos que marcadamente compõem a cadeia intertextual de JVB. Lembro que é impossível mapear a totalidade dos discursos que permeiam o relato, especialmente de forma não manifesta. Em seguida, analiso o terceiro aspecto da prática discursiva, aquele que dá conta dos mecanismos de consumo e interpretação do texto, que Fairclough (2001) convencionou denominar “coerência”.

### Coerência

A questão da coerência envolve “as implicações interpretativas das propriedades intertextuais e interdiscursivas da amostra” (FAIRCLOUGH, 2001: 284). A intertextualidade, portanto, não perpassa somente as dimensões de produção e distribuição de um texto, ela também permeia os processos interpretativos. Um leitor aciona todo o seu repertório discursivo para auxiliá-lo a trazer coerência e inteligibilidade para um texto que ele quer interpretar. Entretanto, fuge aos objetivos deste trabalho estudar os processos cognitivos e interpretativos pelos quais passou JVB desde sua publicação. Porém, aponto que uma das estratégias utilizadas por Graham para dotar seu texto de coerência é a constante referência que faz a figuras que por certo eram conhecidas de seu público leitor em potencial, como o Almirante Cochrane e sua esposa, o viajante Humboldt e diversos outros autores e poetas. Vale também observar alguns aspectos extradiscursivos que delineavam as possibilidades de consumo da literatura de viagem quando da publicação do diário de Maria Graham.



Conforme já mencionado, a literatura de viagem tinha tanto o objetivo de entreter quanto o de informar a alta burguesia europeia, podendo ser lida tanto como “verdade” quanto como “ficção”, haja vista o caráter embrionário da disciplina história no início do século XIX (LISBOA, 1997: 38). É fato, porém, que havia um público leitor consistente. Neste sentido, lembro que Akel (2009) afirma que os escritos de Graham sobre a Índia venderam 400 cópias em apenas um mês na Inglaterra e na Escócia.

Ainda que as convenções sociais da época por vezes exigissem que relatos escritos por mulheres fossem tornados públicos apenas após a morte da autora ou, então, subscritos por homens (LEITE, 1988: 148-51), já vimos que Maria Graham escreveu JVB às vistas de publicação. Concluimos, portanto, que seu diário não era íntimo e que sua escrita visava o consumo coletivo. Seu texto, então, seria lido a partir da perspectiva dos discursos hegemônicos na Europa nas primeiras décadas do século XIX.

Segundo tais discursos hegemônicos, mulheres instruídas só estariam aptas para escrever ficção e não material científico. Tomemos por exemplo o que foidito por um crítico da *Quarterly Review* quanto ao *Journal of a Residence in India* de Maria Graham no contexto de consumo do relato: “*The Journal of a Residence in India, by a young lady who, probably, went thither, like most young ladies, to procure a husband instead of information is a literary curiosity which we are not disposed to overlook*”<sup>26</sup>. Em outras palavras, após referir-se ao papel social que deveria ser a primeira preocupação de Graham – tornar-se esposa de alguém –, o crítico até reconhece o valor do texto da viajante enquanto uma “literary curiosity”, não como material historiográfico (AKEL, 2009: 63).

A partir da análise da prática discursiva, observei que JVB é um texto (i) escrito às vistas de publicação como material historiográfico; (ii) posicionado em uma cadeia intertextual que o circunscreve a determinadas ordens do discurso lhe conferem um caráter híbrido; e (iii) consumido pelos críticos à época de sua publicação como uma “curiosidade literária”. Parto, no próximo, item para a segunda dimensão proposta por Fairclough, a análise textualmente orientada.

---

26 Tradução livre: “*Journal of a Residence in India*, escrito por uma jovem senhora que, provavelmente foi até aquele lugar, como a maioria das jovens, em busca de um marido e não de informação é uma curiosidade literária que não devemos ignorar.”



## Análise textual do relato

Fairclough (2001) assinala o papel fundamental das estruturas textuais na construção das relações sociais e na constituição do “eu”. Aqui examino especificamente como tais estruturas constroem as relações de Maria Graham com as mulheres que ela descreve em seu diário e como estas estruturas também acabam por constituir um discurso sobre a própria viajante. Assim, uso a análise textual para estudar trechos em que ocorre dupla documentação. Porém, antes de iniciar a análise dos excertos selecionados, apresento as categorias analíticas propostas por Fairclough (2003) que escolhi utilizar.

### Categorias de Análise Textual

Em *Analysing Discourse* (2003), Fairclough dá uma ênfase aos aspectos semânticos e gramaticais da análise, considerados pelo autor como complexos para pesquisadores de ciências sociais, que, em geral, não possuem muita experiência em linguística. O teórico justifica a preocupação em desenvolver um enquadre acessível aos pesquisadores das ciências com a seguinte assertiva: “nenhum entendimento real dos efeitos sociais do discurso é possível se não observarmos detidamente o que ocorre quando pessoas falam ou escrevem”<sup>27</sup>(FAIRCLOUGH, 2003: 11). A análise textual, portanto, deve ser realizada no sentido de mapear as ideologias e relações de poder imbricadas no texto. No entanto, o autor nos recomenda cautela para não atribuir a essas formas linguísticas interpretações reducionistas de causalidade.

Feita a ressalva, discutirei cinco categorias de análise textual – dentre as diversas apresentadas em *Analysing Discourse* – que considero serem potencialmente mais férteis para a análise de meu *corpus*. São elas relações semânticas entre palavras e entre orações; modalização; pressuposições; representação dos atores sociais e legitimação.

#### A) Relações semânticas entre orações e entre palavras

Fairclough (2003) argumenta que o estudo das relações semânticas estabelecidas entre orações e entre itens lexicais pode ser bastante elucidativo nas

---

27 Tradução livre. No original: “No real understanding of the social effects of discourse is possible without looking closely at what happens when people talk or write” (FAIRCLOUGH, 2003: 11).



propostas de análise críticas de textos. No nível gramatical, podemos, por exemplo, construir sentidos a partir do conectivo escolhido para vincular duas orações. Os efeitos semânticos resultantes dessa escolha podem ser de causa, condição, tempo, adição, elaboração, contraste, concessão.

Já no nível lexical, há ocorrências linguísticas que podem orientar a análise, como relações de sinonímia e antonímia, metáforas, e *collocations* (padrões recorrentes de grupos de palavras utilizadas em um mesmo sintagma). Estudo, então, as escolhas lexicais e gramaticais feitas por Maria Graham ao compor os trechos que de alguma forma versavam sobre as mulheres que ela encontrou no Brasil, para então mapear esquemas retóricos que resultam dessa combinação de escolhas.


## B) Modalização

Pode-se afirmar ou negar ideias. Mas existem maneiras de comunicar menos categóricas e com menor grau de comprometimento, sendo a modalização a mais comum delas. Ao modalizar um texto, um autor assume maior ou menor comprometimento com o que diz. Fairclough (2003) distingue dois tipos de modalização, a modalização epistêmica (ou das probabilidades) e a modalização deôntica (ou que expressa necessidade e obrigação).

A modalização pode ser operacionalizada através de diversos recursos. Uma maior ou menor afinidade com uma determinada proposição pode ser expressa através de verbos modais, tempo verbais, discurso indireto, expressões mitigadoras, como “um pouco”, de advérbios modalizadores, como “certamente”, de adjetivos modais como “possível” ou “provável” e também de estruturas verbais como “eu penso” e “eu acho”, assim como através de padrões de entonação e de fala hesitante. No que concerne à minha pesquisa, investigo as diversas formas de modalização que ocorrem no texto da viajante e o nível de comprometimento assumido por ela ao narrar as mulheres que a circundaram.

## C) Pressuposições

Fairclough (2003) utiliza o termo *assumption*— aqui traduzido por mim como pressuposição — como um hiperônimo para “acarretamento”, “pressuposição” e “implicatura”. *Assumption* é a palavra escolhida pelo autor para referir-se às instâncias



de significados implícitos no texto, supostamente compartilhados pelos participantes do ato comunicativo. O linguista menciona ainda que a pressuposição é a forma de intertextualidade na qual a dialogicidade assume sua forma mais frágil, uma vez que silencia vozes divergentes e opera no âmbito do senso comum. Ele argumenta ainda que a presença frequente de tais ideias do “senso comum” em um texto pode servir para o exercício de coerção social, e para a disseminação de ideologias das classes hegemônicas. A pressuposição pode pretender supor que certas crenças e visões de mundo são partilhadas, ainda que não o sejam, a fim de naturalizar valores das classes hegemônicas – nesse caso a mundividência do europeu colonizador.

No estudo de JVB, avalio de que forma pressupostos podem contribuir para a propagação de ideologias oriundas do senso comum europeu que visam a estabelecer, por exemplo, os padrões bons e desejáveis para o comportamento de uma mulher, por exemplo, dentre outros fatores.

#### **D) Representação dos atores sociais**

Ao narrar atores sociais, um autor os constrói discursivamente na medida em que elenca determinadas formas de representação dentre uma vasta gama de possibilidades. Inicialmente, é importante observar se os atores sociais ganham alguma representatividade ou se são silenciados, sendo completamente excluídos da narrativa (*suppression*) ou apenas mencionados poucas vezes e em segundo plano (*backgrounding*). Caso sejam incluídos na tessitura textual, é válido observar de que forma essa inclusão se dá. De que maneira as figuras femininas são construídas no diário de Maria Graham? Ela as descreve como agentes dos acontecimentos ou silenciadas e apassivadas?

#### **E) Legitimação**

Práticas sociais podem ou não ser legitimadas de acordo com as ideologias vigentes. Em um texto, a legitimação de práticas pode ocorrer de maneira mais explícita ou menos patente. Uma análise textual mais detida pode mapear diversas estratégias de legitimação. Como por exemplo, Fairclough (2001) menciona a referência a instituições, costumes ou leis; a racionalização do conhecimento científico; a alusão a sistemas de valores morais já consagrados em uma determinada cultura; e até a legitimação construída pelo próprio texto em si. Em minha análise, levanto os seguintes questionamentos quanto às práticas sociais femininas: que





práticas locais a viajante estrangeira considera desejáveis para as mulheres? Que fazeres ela legitima e que formas de vida seu texto invalida?

Tendo apresentado as categorias analíticas com as quais trabalhei, prossigo para a investigação dos excertos de dupla documentação.

## **Análise textual de alguns excertos de dupla documentação presentes no primeiro tomo de jvb**

Aqui, devido às limitações de espaço, apresento alguns excertos de dupla documentação selecionados, contextualizo-os brevemente e os analiso textualmente segundo as cinco categorias já comentadas.

No primeiro registro feito por Graham de mulheres no Brasil. Maria é convidada à casa de Madame do Rêgo, mulher do então governador da província de Pernambuco. Vejamos, então, como a viajante reporta seu encontro com a esposa do governador:

I found Madame do Rego an agreeable, rather pretty woman, and speaking English like a native: for this she accounted, by informing me that her mother, the Viscondeça do Rio Seco, was an Irish woman. Nothing could be kinder and more flattering than her manner, and that of General do Rego's two daughters, whose air and manner are those of really well-bred women, and one of them is very handsome (*id.*, *ibid.*: 103)<sup>28</sup>.

Os fatos de ter mãe irlandesa e inglês fluente fazem com que não só suas habilidades linguísticas, mas ela em si seja vista como europeia. Madame do Rêgo agrada porque é *like a native*, isto é, por ser quase tão inglesa quanto a mulher que escreve o relato. Vale observar que, mesmo ao descrever uma dama da mais alta estirpe e posição social, o padrão avaliativo continua sendo ela, a inglesa. Graham se constrói discursivamente como alguém que não está no mesmo patamar de Madame do Rêgo, mas acima dele. Não é ela que é como a mulher do governador, é a mulher do governador que é como ela, uma inglesa.

---

28 "Achei Madame do Rêgo uma senhora agradável, bem bonita, e falando inglês como uma nativa, o que ela explicou, informando-me que sua mãe, a viscondessa do Rio Seco, era irlandesa. Nada poderia exceder a gentileza e a amenidade das suas maneiras, e as das duas filhas do general Rêgo, cujo ar e cujos modos são os das senhoras bem educadas. Uma delas é muito bonita" (*id.*, *ibid.*: 132).



Outro exemplo de dupla documentação representativo na primeira parte do relato é o registro do dia 30 de setembro de 1821, quando a viajante descreve um jantar na casa do governador da província de Pernambuco:

This day several of the officers and midshipmen of the *Doris* accompanied us to dine at the governor's, at half-past four o'clock. Our welcome was most cordial. His excellency took one end of the table, and an aide-de-camp the other: I was seated between M. and Madame do Rego. He seemed happy to talk of his old English friends of the Peninsula, with many of whom I am acquainted; and she had a thousand enquiries to make about England, whither she is very anxious to go (*id.*, *ibid.*:112-3)<sup>29</sup>.

Maria representa-se, aqui, socialmente como protagonista de toda a descrição dos eventos daquela noite. Além de sentar-se entre o governador e sua esposa, ela pressupõe ter muito a ensinar até mesmo à Madame do Rego. Ainda que modalize a suposta felicidade do governador com o verbo *seem*, a autora é bastante assertiva quanto às “thousandenquiries” que Madame do Rego possuía sobre a Inglaterra, país que ansiava visitar. Em sua representação dos atores sociais, Graham chega a colocar-se no mesmo patamar do político ao admitir conhecer muitos dos amigos ingleses que ele menciona. No trecho, o lugar de origem da viajante, a Inglaterra, é o destino de desejo do casal mais ilustre da província de Pernambuco.

No excerto seguinte, do dia 03 de outubro, Maria se depara com um grupo de lavadeiras em Pernambuco. Observemos como a autora retrata a cena:

Round the guard-house a number of negro girls, with broad flat baskets on their heads, were selling fruit and cold water: they had decked their woolly hair, and the edges of their baskets, with garlands of the scarlet althaeal their light blue or white cloaks were thrown gracefully across their dusky shoulders, and white jackets, so that it was such a picture as the early Spaniards might have drawn of their Eldorado (*id.*, *ibid.*: 116 )<sup>30</sup>.

Neste momento, as negras ocupam o papel social que lhes é prescrito: são lavadeiras. Em oposição ao grupo de sertanejos, aqui não há pretensão de europeização. Por conseguinte, a viajante elabora uma descrição agradável e minuciosa das mulheres a partir do contraste de seus *woolyhair* com guirlandas cor de escarlata, e de seus *duskysolders* com xales brancos e azuis, chegando a lançar mão do advérbio *gracefully* para designar

---

29 “Hoje diversos oficiais e guardas-marinha da *Doris* acompanharam-nos a jantar em casa do governador às quatro e meia da tarde. Nossa recepção foi a mais cordial. Sua Excelência ocupou uma das cabeceiras da mesa, um ajudante-de-ordens a outra. Eu fiquei sentada entre o Senhor e a Senhora Luís do Rêgo. Ele parecia contente por falar de seus velhos amigos ingleses da guerra da península, com muitos dos quais eu me dava. A Senhora tinha muita cousa que perguntar sobre a Inglaterra, aonde ela estava ansiosa por ir.” (*id.*, *ibid.*:142-3)

30 “Em torno da casa de guarda um grupo de jovens negras, de largos e rasos cestos na cabeça, vendiam frutas e água fresca. Tinham os cabelos lanudos ornados de guirlandas feitas de alteia escarlata, bem como as beiradas das cestas. Seus xales de azul claro ou brancos estavam atirados com graça por sobre os escuros ombros e as saias brancas. Era um quadro tal como os antigos espanhóis imaginariam o Eldorado.” (*id.*, *ibid.*:146-7)



a maneira com que as negras se vestiam. Todos os adjetivos são harmoniosamente combinados com os substantivos sem que qualquer *collocation* cause estranhamento. Assim, Maria Graham narra o conjunto como se estivesse descrevendo uma paisagem cuja beleza e exotismo culminam com a evocação da lenda do Eldorado, o paraíso idílico, sobejante de riquezas, que aguçava as ambições dos primeiros colonizadores das Américas. O Eldorado de Maria Graham, no entanto, não sofre pilhagens violentas. Antes, seu esquadrinhar das negras converte-se em um processo de anticonquista, no qual a natureza aparentemente pacífica e imbuída de admiração da descrição converte-se em um processo de apropriação discursiva da alteridade, configurando-se em uma forma bastante eficaz de conquista, conforme nos adverte Pratt (1999).

Já na Bahia, em 19 de outubro, Maria tem a oportunidade de visitar algumas senhoras portuguesas acompanhada de Miss Pennel, filha do cônsul inglês. Eis o que a viajante registra sobre as visitas:

I accompanied Miss Pennell in a tour of visitstoherPortuguese friends. As it is not their custom to visit or be visited in the forenoon, it was hardly fair to take a stranger to see them. However, my curiosity, at least was gratified. In the first place, the houses, for the most part are disgustingly dirty: the lower story usually consists of cells for the slaves and stabling; the staircases are narrow and dark; and, at more than one house, we waited in a passage while the servants ran to open the doors and windows of the sitting rooms, and to call their mistresses, who were enjoying their undress in their own apartments. When they appeared, I could scarcely believe that one half were gentlewomen. As they wear neither stay nor bodice, the figure becomes almost indecently slovenly, after very early youth; and this is the more disgusting, as they are very thinly clad, wear no neck-handkerchiefs, and scarcely any sleeves. Then, in this hot climate, it is unpleasant to see dark cottons and stuffs, without any white linen, near the skin. Hair black, ill combed, and disheveled, or knottedunbecomingly, or still worse, *en papillote*, and the whole person having an unwashed appearance (*id.*, *ibid.*:135-6)<sup>31</sup>.

---

31 “Sexta-feira, 19 [de outubro] — Acompanhei Miss Pennell numa série de visitas a seus amigos portugueses. Como não é costume deles visitar ou serem visitados na parte da manhã, não era lá muito elegante levar uma estrangeira a vê-los. Mas minha curiosidade, ao menos, foi bem paga. Em primeiro lugar, as casas, na maior parte, são repugnantemente sujas. O andar térreo consiste geralmente em celas para os escravos, cavalariças, etc., as escadas são estreitas e escuras e, em mais de uma casa, esperamos em uma passagem enquanto os criados corriam a abrir portas e janelas das salas de visitas e a chamar as patroas que gozavam os trajes caseiros em seus quartos. Quando apareciam, dificilmente poder-se-ia acreditar que a metade delas eram senhoras de sociedade. Como não usam nem coletes, nem espartilhos, o corpo torna-se quase indecentemente desalinhado, logo após a primeira juventude; e isto é tanto mais repugnante quanto elas se vestem de modo muito ligeiro, não usam lenços ao pescoço e raramente os vestidos têm qualquer manga. Depois, neste clima quente, é desagradável ver escuros algodões e outros tecidos, sem roupa branca, diretamente sobre a pele, o cabelo preto mal penteado e desgrehado, amarrado inconvenientemente, ou, ainda pior, em papélotés, e a pessoa toda com a aparência de não ter tomado banho.” (*id.*, *ibid.*: 168)



Se Akel (2009: XIV) afirma que Maria Graham frequentemente se mostra hostil a figuras femininas em seus escritos, aqui temos um bom exemplo de tal hostilidade. Ao entrar na zona de contato com as senhoras portuguesas, a viajante não as nomeia ou as individualiza de qualquer forma. Antes, as descreve como um conjunto sujeito a seu escrutínio e julgamento. A partir dos padrões que a inglesa considera bons e desejáveis para a casa e a aparência de uma dama da sociedade, e utilizando apenas dois advérbios modalizadores, *usually* e *almost*, a autora recorre a pelo menos oito adjetivos depreciativos em um só parágrafo: *dirty, narrow, dark, slovenly, disgusting, ill-combed, dishevelled* e *unwashed*. A semântica dos adjetivos utilizados opera de maneira a produzir sentidos que deslegitimam e invalidam os hábitos que estas mulheres tinham na intimidade de seus lares.

No dia 22 de outubro, Maria registra uma festa na casa do cônsul inglês em que estiveram presentes tantos ingleses quanto portugueses. Neste excerto, as mulheres são novamente representadas de maneira impessoal, não como indivíduos, mas como uma classe:

This evening there was a large party, both Portuguese and English, at the consul's. In the well-dressed women I saw tonight, I had great difficulty in recognizing the slatterns of the morning. The *senhoras* were all dressed after the French fashion: corset, fichu, garniture, all was proper, and even elegant, and there was a great display of jewels. Our English ladies, though quite of the second rate of even colonial gentility, however, bore away the prize of beauty and grace; for after all, the clothes, however elegant, that are not worn habitually, can only embarrass and cramp the native movements; and, as Mademoiselle Clairon remarks, "she who would act a gentlewoman in public, must be one in private life" (*id., ibid.*: 142)<sup>32</sup>.

A viajante apressa-se em observar que as portuguesas em cujas casas havia estado trajavam-se agora de maneira bem mais adequada. Para realçar o contraste entre as maneiras e vestimentas daquelas mulheres durante o dia com suas roupas em um evento público noturno, a escritora estabelece uma relação de antonímia entre os substantivos *slatterns* e *senhoras*. No entanto, a descrição das portuguesas não é entusiasmada, a autora limita-se a descrevê-las como *proper* ao considerar seus trajes adequados por seguirem o estilo francês. Maria

---

32 "Esta tarde houve uma grande reunião social tanto de portugueses quanto de ingleses na casa do cônsul. Nas mulheres bem vestidas que vi à noite tive grande dificuldade em reconhecer as desmazeladas da manhã de outro dia. As senhoras estavam todas vestidas à moda francesa: corpete, *fichu*, enfeites, tudo estava bem, mesmo elegante, e havia uma grande exibição de jóias. As inglesas, porém, ainda que quase de segunda categoria, ou mesmo da nobreza colonial, arrebatarem o prêmio de beleza e da graça, porque afinal os vestuários, ainda que elegantes, quando não são usados habitualmente, não fazem senão embarçar e estorvar os movimentos espontâneos e, como nota Mademoiselle Clairon "para poder representar de fidalga em público, é preciso que a mulher o seja na vida privada" (*id., ibid.*, p. 175-6).



mostra surpresa ao vê-las mais bem vestidas e traduz seu sentimento antepondo o advérbio *even* ao adjetivo *elegant*.

Ainda na mesma festa, após discorrer sobre as vestimentas, o porte e os atributos físicos da alteridade, Graham passa a concentrar-se em suas aptidões intelectuais e seus divertimentos:

The Portuguese men have all a mean look; none appear to have any education beyond counting-house forms, and their whole time is, I believe, spent between trade and gambling: in the latter, the ladies partake largely after they are married. Before that happy period, when there is no evening dance, they surround the card tables, and with eager eyes follow the game, and long for the time when they too may mingle in it. I scarcely wonder at this propensity. Without education, and consequently without the resources of mind, and in a climate where exercise out of doors is all but impossible, a stimulus must be had; and gambling, from the sage to the savage, has always been resorted to, to quicken the current of life (*id.*, *ibid.*: 142)<sup>33</sup>.

Nesta passagem, a viajante desdenha o prazer que aquelas mulheres têm nos jogos e utiliza o conectivo *consequently* para construir uma relação de causalidade entre sua pouca instrução e seu gosto pela jogatina, passatempo que exige tão pouco do intelecto e que é atraente até para um selvagem. A crítica de Graham à necessidade que aquelas mulheres tinham de recorrer a atividades tão corriqueiras nos remete à vida da autora, tão cheia de viagens e aventuras que dispensa passatempos ou qualquer outro artifício para “quicken the current of life”. Há também aqui um fator importante com relação à questão dos papéis sociais de gênero. Só após se casarem as mulheres descritas neste trecho têm permissão de tomar parte em uma atividade predominantemente masculina. Ainda assim, a atividade da qual lhes concedem participar é trivial e mundana, em nada comparável com a relevância das esferas masculinas pelas quais Maria Graham pode transitar. Graham constrói tacitamente sua posição de superioridade a partir do desempoderamento das mulheres portuguesas descritas.

Por último, vejamos como, em 27 de dezembro, Maria registra um baile em que esteve no Rio de Janeiro e descreve as mulheres que encontra lá de maneira um pouco mais benevolente:

---

33 “Os homens portugueses têm toda aparência desprezível. Nenhum parece ter qualquer educação acima da dos escritórios comerciais e todo o tempo deles é gasto, creio eu, entre o negócio e o jogo. Do último as mulheres participam largamente depois de casadas. Antes desse período feliz, quando não há dança de noite, ficam em volta das mesas de cartas e, com olhos ansiosos, acompanham o jogo e esperam ardentemente o momento em que também poderão tomar parte nele. Não me admiro dessa tendência. Sem educação e conseqüentemente sem os recursos do espírito, e num clima em que o exercício ao ar livre é de todo impossível, é preciso ter um estímulo. E o jogo, tanto para o civilizado quanto para o selvagem, sempre foi recurso para tornar mais rápido o curso da vida.” (*id.*, *ibid.*: 176).



The Portuguese and Brazilian ladies are decidedly superior in appearances to those of Bahia; they look of higher caste: perhaps the residence of the court for so many years has polished them. I cannot say the men partake of the advantage, but I cannot yet speak Portuguese well enough to dare to pronounce what either men or women really are. As to the English, what can I say? They are very like all one sees at home, in their rank of life; and the ladies, very good persons doubtless, would require Miss Austin's pen to make them interesting. However, as they appear to make no pretensions to anything but what they are, to me they are good-humoured, hospitable, and therefore pleasing (*id.*, *ibid.*: 166-7)<sup>34</sup>.

Após comparar as mulheres que encontra no Rio com as que conheceu na Bahia, Maria discorre sobre suas compatriotas. Para Graham, essas são amigáveis, porém pouco inteligentes. Parece que, para a autora, outras mulheres, até mesmo as inglesas, só podem ser tornadas interessantes pela pena de uma escritora habilidosa. A menção a Jane Austen aciona as cadeias intertextuais do leitor e nos remete à própria Maria Graham. Ao passo que Austen poderia ficcionalizar aquelas damas, até transformá-las em personagens complexas e sofisticadas, Graham tem o compromisso de “relatar o que vê”. A viajante não pode romantizar aquelas mulheres porque, como já comentei, seu diário pretende ser um retrato fiel dos eventos testemunhados. Maria Graham aqui se diferencia de uma escritora de novelas e apenas atribui condescendentemente às senhoras da festa os pouco elaborados adjetivos *good-humoured*, *hospitable* e *pleasing*. Tais mulheres apenas lhe parecem agradáveis por serem aparentemente (destaco a modalização com o verbo *appear*) despreziosas.

## Algumas conclusões

Na posição de uma mulher que escreve um texto com a aparente intenção de apenas instruir, a inglesa constrói discursivamente sistemas de conhecimento e crença que primam por corroborar a hegemonia inglesa no cenário internacional de seu tempo. Neste sentido, como observamos na análise textualmente orientada, tal posicionamento hegemônico subjaz o intrincado processo de subjetivação que a viajante tece de si mesma a partir da construção das identidades sociais das mulheres que encontra durante a viagem. Maria Graham não estabelece com estas mulheres

---

34 “Estive até 1h da noite em ambiente muito diferente: um baile dado pelo Senhor B., respeitável comerciante inglês. As moças portuguesas e brasileiras são de aspecto decididamente superior às da Bahia: parecem de classe superior. Talvez a permanência da Corte aqui por tantos anos as tenha polido. Não posso dizer que os homens gozem da mesma vantagem. Mas eu não posso ainda falar português bastante bem para ousar julgar o que os homens e mulheres são na realidade. Quanto aos ingleses, que posso dizer? São tais e quais todo o mundo os vê em sua terra, na classe a que pertencem. E as senhoras, muito boas pessoas, sem dúvida, precisariam da pena de Miss Austen para torná-las interessantes. Contudo, como parecem não ter pretensões a coisa alguma senão ao que realmente são, apresentam-se a mim bem humoradas, hospitaleiras e, portanto, agradáveis.” (*id.*, *ibid.*: 203)





qualquer tipo de identificação, nem mesmo de gênero. Ao longo de todo o relato, a viajante raras vezes alude à peculiaridade de ser uma mulher sozinha em um país estranho ou à possibilidade de não ser bem-vista pela sociedade devido a isto.

Na maior parte dos excertos analisados, percebemos uma sugestão de que nobres trabalhos intelectuais e altos padrões morais não seriam atributos de todas as mulheres, mas de algumas apenas. Nestes trechos de dupla documentação, ocorre a presença de um *double standard* etnocêntrico, segundo o qual, ao desejar-se que a ética e as regras de conduta europeias sejam consideradas universais e incondicionalmente válidas, exclui-se, de antemão e por completo, a alteridade feminina narrada na zona de contato. Numa perspectiva foucaultiana, sua posição assimétrica em relação às mulheres que descreve faz com que Maria Graham seja não apenas sujeito de sua fala, mas também sujeito de seus enunciados. Ao falar das mulheres que observa na zona de contato, ela permanece em constante diálogo com seus referenciais etnocêntricos e, a partir de então, reelabora sua posição social num exercício discursivo-ideológico segundo o qual a viajante não reconhece sua própria condição de exceção e afirma-se em posição de superioridade mesmo em relação às ricas mulheres que frequentavam a corte de D. Pedro I.

Por conseguinte, podemos entender que seu texto constitui uma prática social que consubstanciou discursos hegemônicos de seu tempo que buscaram retratar a colonização como benigna, desejável e até justificável com base na superioridade europeia e nas supostas deficiências morais e intelectuais das mulheres habitantes das regiões colonizadas.

## Referências

- AKEL, Regina. **Maria Graham, A Literary Biography**. New York: Cambria Press, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BRITO, Danilo Lopes. **Imagens e (pré) conceitos: uma análise transcultural de construções discursivas de viajantes ingleses no Rio de Janeiro Setecentista**. 2011. 169 f. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2011.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. História e Análise de Textos. In: \_\_\_\_\_. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997, p. 375-399.



CERDAM, Marcelo Alves. Maria Graham e a escravidão no Brasil. Entre o olhar e o bico de pena e os leitores do diário de uma viajante inglesa do século XIX. **História Social**, Campinas, n10, p. 121-148, 2003.

CARR, Edward Hallet. **Que é História**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

DEL PRIORE, Mary. Apresentação. In: \_\_\_\_\_ (org). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 7-10.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UNB, 2001.

\_\_\_\_\_. *Analysing Discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2011 [1971].

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. São Paulo: Global, 2011 [1933].

GALVÃO, Cristina Carrijo. **A escravidão compartilhada: os relatos de viajantes e os intérpretes da sociedade brasileira**. 2001. 249 f. Dissertação de mestrado - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2001.

GRAHAM, Maria. **Journal of a Voyage to Brazil and Residence There**. 1824. Disponível em: [http://books.google.com.br/books?id=HxTj7myVQ0kC&printsec=frontcover&dq=maria+graham+brazil&hl=ptBR&sa=X&ei=vbIVUdPhD4u89Q Snp4CACg&redir\\_esc=y#v=onepage&q=maria%20graham%20brazil&f=false](http://books.google.com.br/books?id=HxTj7myVQ0kC&printsec=frontcover&dq=maria+graham+brazil&hl=ptBR&sa=X&ei=vbIVUdPhD4u89Q Snp4CACg&redir_esc=y#v=onepage&q=maria%20graham%20brazil&f=false). Acesso em 29 de março de 2013.

\_\_\_\_\_. **Diário de uma viagem pelo Brasil**. Trad. Américo Jacobina Lacombe. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/ EdUSP, 1990.

LAGO, Pedro Corrêa do. "O Miserável Rio de Janeiro de Maria Graham". 2011. Disponível em: <http://revistapiaui.estadao.com.br/blogs/questoes-manuscritas/geral/o-miseravel-rio-de-janeiro-de-maria-graham>. Acesso em 04 de junho de 2014.

LEITE, Francisco Tarciso. **Metodologia Científica**: métodos e técnicas de pesquisa: monografias, dissertações, teses e livros. São Paulo: Ideias & Letras, 2008.

LEITE, Míriam Lifchitz Moreira; MOTT, Maria de Lúcia Barros; APPENZELLER, Bertha Kauffmann. **A Mulher no Rio de Janeiro no Século XIX** (Um índice

de referências em livros de viajantes estrangeiros). São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1982.

\_\_\_\_\_. (org). **A Condição Feminina no Rio de Janeiro, século XIX**. Antologia de textos de viajantes estrangeiros. São Paulo: EDUSP, 1984.

\_\_\_\_\_. Mulheres e Famílias. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 9, n. 17, p. 143-178, 1988/ 1989.

\_\_\_\_\_. *Livros de Viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

\_\_\_\_\_. Mulheres viajantes no século XIX. *Cadernos Pagu*, n. 15, p. 129-143, 2000.

LIMA, Madalena Quaresma (2000). **Aspectos da vida cotidiana do Rio de Janeiro na visão de três viajantes estrangeiros**: Debret, Rugendas e Maria Graham. 2000. Dissertação de mestrado – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UERJ, Rio de Janeiro, 2000.

LISBOA, Karen Macknow. Viajar e Relatar. In: **A Nova Atlântida de Spix e Martius**: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820). São Paulo: Editora Hucitec, FAPESP, 1997, p. 28-49.

MARTINS, Luciana de Lima. **O Rio de Janeiro dos Viajantes**. O olhar britânico (1800 – 1850). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MENDES, Elizabeth de Camargo. **Os Viajantes no Brasil 1808–1822**. São Paulo, 1981. Dissertação (mestrado) – Departamento de História da. Faculdade de Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.


MOITA LOPES, Luiz Paulo. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: \_\_\_\_\_. (org.) **Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 13-44.

MONTEZ, Luiz Barros. “O Lado negro do discurso. Estereótipos racistas em relatos de viajantes alemães sobre a escravidão no Brasil na primeira metade do século XIX”. 2010 Disponível em: <http://www.lettras.ufrj.br/liehd/pages/equipe/luiz-montez-coord.php>. Acesso em 20 de março de 2019.

\_\_\_\_\_. Relatos de viagens como objetos de reflexão historiográfica e da prática tradutória. No prelo.

PRATT, Mary Louise. **Os Olhos do Império**: relatos de viagens e transculturação. Tradução de Jézio Hernani Bonfim Gutierre. Bauru: EDUSC, 1999.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma lingüística crítica**: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.



RESENDE, Viviane; RAMALHO, Viviane. **Análise de Discurso Crítica**. São Paulo: Contexto, 2011.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (orgs.). **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997, p. 399-429.

SOUZA, Laura Melo. Aspectos da Historiografia da Cultura sobre o Brasil Colonial. In:

SUSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui**. O narrador; a viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

TEZZA, Cristóvão. Sobre o autor e o herói: um roteiro de leitura. In: TEZZA, Cristóvão; FARACO, Carlos Alberto; CASTRO, Gilberto (org.). **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: Editora UFPR, 2001, p. 231-256.